

Sinais Trocados

Janeiro foi desalentador para os portadores de carteira assinada na indústria paulista, confirmando a tendência já esperada a partir do momento em que a crise asiática obrigou o governo a pisar nos freios, e as empresas a rever expectativas. Outros sinais, contudo, indicam que a economia pode reencontrar seu ritmo mais rápido do que se esperava, deixando para trás o cenário pessimista de outubro e novembro, quando as bolsas despencavam e o fim do túnel parecia inatingível.

No mesmo mês em que houve um recorde de 27,8 mil demissões, abaixo apenas de agosto de 1995, segundo dados do Dieese, as atividades econômicas cresceram 3,3%, a demanda de energia elétrica subiu 3,4% e o custo de vida para a classe média calculado pela Ordem dos Economistas de São Paulo ficou praticamente estável, com uma alta de 0,2% no mês e 3,1% em um ano.

A mistura contraditória desses sinais mostra que a economia brasileira está mais perto de reencontrar o crescimento do que de resvalar para o cenário negro espalhado pelos azares asiáticos para o resto do mundo. As expectativas mais otimistas no meio empresarial vol-

tam-se agora para a próxima reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), dado que as elevadas taxas de juros inibem a retomada das vendas e particularmente do crédito, já com um alto grau de inadimplência.

As estatísticas de 1997 que começam a ser divulgadas mostram que a economia brasileira continua a desafiar o pessimismo em vários setores: os bens de capital para a agricultura cresceram 29% no ano passado, para a energia elétrica 15% e para a construção 45%.

Sintomaticamente todos são setores que podem recuperar parte do espaço perdido, pois são geradores diretos ou indiretos de emprego. Este é, particularmente, o caso da indústria da construção civil, uma forte empregadora de mão-de-obra de menor qualificação técnica.

A votação da reforma da Previdência deve ser acompanhada por medidas que transformem expectativas em realidades, com a redução dos gastos públicos e menores pressões de demanda de poupança por parte do governo. Na medida em que se reduzam as taxas de juros, a economia poderá voltar a crescer, tornando mais consistentes a longo prazo os sinais positivos desta cabeceira de ano.